



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10245 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT15 - Educação Especial

Práticas Pedagógicas em Educação Especial em contexto de ensino remoto

Manoela da Fonseca - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Maiandra Pavanello da Rosa - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Práticas Pedagógicas em Educação Especial em contexto de ensino remoto

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre o desenvolvimento de práticas pedagógicas em Educação Especial desenvolvidas durante o contexto de aulas remotas na Rede Estadual de Ensino do município de Santa Maria/RS, em virtude da pandemia ocorrida desde o ano de 2020. Este estudo se enquadra em uma abordagem qualitativa de pesquisa e utilizou o Método da Cartografia, tendo como instrumento metodológico um questionário estruturado aplicado a 15 professoras de educação especial. A produção analítica foi produzida a partir do pressuposto do pensamento sistêmico e das contribuições de Meirieu (1998; 2006) que serviram como referencial teórico para análise dos dados obtidos. Identificou-se que, embora haja uma preocupação da Rede no que se refere à manutenção do Serviço do Atendimento Educacional Especializado, há uma fragilidade nas relações pedagógicas devido ao contexto pandêmico, principalmente no que concerne à mediação das atividades propostas e acesso às tecnologias.

Palavras-chaves: Práticas Pedagógicas; Educação Especial; Ensino Remoto.

A manutenção da escolarização, apesar do distanciamento social exigido pela pandemia da COVID-19 foi garantida com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.294/1996), que no Artigo 32, parágrafo IV, inciso 4º, a qual destaca que “o ensino fundamental será presencial, sendo o ensino à distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”, o ensino remoto, tanto na rede pública quanto privada passou a fazer parte do cotidiano dos alunos.

É sobre este contexto de aulas remotas que direcionamos o olhar para a Rede Estadual de Ensino do Município de Santa Maria, mais especificamente para as práticas pedagógicas em educação especial em momento de pandemia.

No contexto pandêmico, a Rede Estadual de Ensino teve que reorganizar suas aulas

após a necessidade de isolamento social. Em 19 de março de 2020, foram suspensas as aulas presenciais pelo período de 15 dias por meio do Decreto Estadual N° 55.118/2020. Outros decretos foram publicados ao longo do ano de 2020, mantendo a suspensão das aulas.

A Rede Estadual de Ensino no município de Santa Maria conta com 41 escolas, entre elas, 35 possuem sala de recursos. Com objetivo conhecer a organização e funcionamento do serviço de educação especial, com ênfase nas práticas pedagógicas, no atual contexto do ensino remoto, foram convidadas a participar da pesquisa 44 professoras que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) em escolas da referida Rede.

O convite foi realizado via e-mail e aplicativo de comunicação. Quinze professoras aceitaram participar do estudo. Todas possuem formação inicial em Educação Especial - Licenciatura Plena. As professoras participantes atendem os alunos público-alvo da educação especial, ou seja, alunos com deficiência, Transtorno do Espectro Autista e Altas Habilidades/Superdotação.

A pesquisa foi construída com base nos pressupostos do pensamento sistêmico, o qual entende a complexidade dos sistemas e a influência das relações na constituição dos mesmos. Este estudo se enquadra em uma abordagem qualitativa de pesquisa e utilizou o Método da Cartografia, considerando que tal proposta metodológica contempla a filiação teórica com o pensamento sistêmico. A cartografia não tem objetivo de representar realidades ou coisas e sim de acompanhar processos, compreendendo, intervindo e dissolvendo a percepção de observadores (SOUZA; FRANCISCO, 2016).

No que se refere aos procedimentos, Passos, Kastrup e Tedesco (2014) consideram que estes podem ser diversificados, adotando técnicas de entrevistas, de análise de “dados”, e estratégias qualitativas ou quantitativas. Considerando estes aspectos e respeitando o atual momento de distanciamento social, como instrumento para produção dos dados, elencou-se um questionário aberto, elaborado na ferramenta “Formulários” do Google. Com total de 21 questões, nove se referem ao perfil da professora (formação e atuação profissional) e doze buscam conhecer a organização das práticas pedagógicas em educação especial frente à pandemia. O convite para participação na pesquisa, bem como a disponibilização do questionário para respostas foram realizadas entre os meses de maio e agosto de 2020.

A produção de dados ocorreu a partir do olhar ampliado às respostas obtidas através do questionário, bem como aos documentos que orientam o processo educacional frente ao ensino remoto na Rede Estadual de Ensino, como o Decreto Estadual N° 55.118/2020 e o Parecer CNE N° 05 de 2020. Este estudo discute, através dos pressupostos teóricos de Philippe Meirieu (1998; 2006), as práticas pedagógicas em educação especial no contexto do ensino remoto. A produção analítica foi realizada por meio dos seguintes eixos: Orientações da gestão; acesso e participação dos alunos.

As principais orientações da gestão da Rede de ensino para o serviço da educação especial foram de articulação entre a educação especial e ensino comum, a fim de garantir o acesso dos alunos público-alvo da educação especial às atividades da sala de aula, bem como de que se mantivessem as atividades referentes ao AEE.

É possível observar uma preocupação em garantir a participação de todos os alunos. Aline^[1] destacou que *“houve movimento de adaptação de atividades, atividades colaborativas e envio de atividades específicas”*, e Carla ressaltou que *“os alunos estão recebendo as atividades dos professores da sala de aula regular das quais realizo as adaptações necessárias e também auxílio eles na realização através das redes sociais”*.

A emergência de adaptação e as novidades encontradas na reorganização social

trouxeram desafios. Pensar a educação e as práticas pedagógicas num modelo de “educação à distância” aparece como uma mudança abrupta para a educação básica. O contato entre o professor e o aluno precisou ser modificado, trazendo a necessidade da reinvenção do professor e da utilização de tecnologias necessárias para manter a interação.

Não há um professor ou um educador que não tenha passado por esta experiência: a sequência já está pronta, perfeitamente estruturada, experimentada por ele mesmo ou por outros, utilizada muitas vezes com sucesso; a imaginação apresentada na sua elaboração atesta a motivação dos alunos; o rigor de sua construção garante sua eficácia... e no entanto isso não funciona. (MEIRIEU, 1998, p. 86)

A necessidade de se abandonar um projeto pedagógico já estruturado para se adaptar à nova forma de vida tornou-se uma realidade para os professores. Sem dúvida, a interação presencial entre professor e aluno é muito potente nos processos de ensino e aprendizagem, porém esta precisou ultrapassar os muros da escola. Como conservar a proximidade e um ensino sistemático, mantendo o desejo dos alunos aceso em uma situação tão complexa?

Nesse sentido, a tecnologia tomou conta dos diferentes contextos sociais. Em contrapartida, muitos desafios foram evidenciados, como a dificuldade de acesso à ferramentas tecnológicas e a elaboração de estratégias, por parte dos professores, que atingissem o maior número possível de alunos. Apesar de concordarmos com Meirieu (1998), que não é a tecnologia ou o dispositivo que realmente faz a diferença na atividade pedagógica, nesse momento eles foram essenciais, possibilitando o acesso à educação.

As atividades em sua maioria consistem em jogos que são enviados online ou de forma impressa, logo **eles realizam pequenas sistematizações** registradas em folhas de caderno com data e nome para envio de fotos através do whatsapp ou mesmo pequenos vídeos ou áudios contando o que é solicitado (Aline).

Aline, ao anunciar que *“eles (alunos) realizam pequenas sistematizações”* coloca em jogo o “fazer agir para aprender” (Meirieu, 2006), que exige ações sobre o objeto de aprendizagem para construir um conhecimento. No entanto, neste contexto de pandemia, há um desafio ao docente, no que se refere a definir estratégias que não (re)produzam e nem alimentem a exclusão de grupos mais vulneráveis. Essa tarefa é árdua, pois, como anunciado nas falas das professoras, o uso das tecnologias nem sempre é algo de conhecimento de todos, assim como não é qualquer família que tem acesso. A dificuldade de acesso e as situações de desigualdades de oportunidades podem ser percebidas, no relato de Taís: **“do total de 12 alunos, 5 estão tendo acesso às atividades, os demais alunos eu ainda não tinha o acesso ao nome, turma e telefone dos mesmos”**.

Na compreensão das professoras de educação especial, alunos com acesso a plataformas e com certas habilidades para o uso das tecnologias, apresentam melhor desempenho, porém, o acesso e o retorno de cada aluno ainda é mínimo. Isto fica evidenciado por Elis, demonstrando um esforço por parte dos professores, mas **“infelizmente o retorno por parte dos alunos é quase nulo”**.

A reorganização da rotina familiar, bem como as dificuldades dos pais em ensinar os conteúdos escolares pode influenciar na falta de retorno das atividades pedagógicas. Percebe-se um movimento por parte da escola no que se refere à disponibilização do material, porém,

aprender envolve outros aspectos, “a aprendizagem põe frente a frente, em uma interação que nunca é uma simples circulação de informações, um sujeito e um mundo, um aprendiz que já sabe sempre alguma coisa e um saber que só existe porque é reconstruído” (MEIRIEU, 1998, p. 79).

Entre as maiores dificuldades enfrentadas pelas professoras de educação especial, está o envolvimento familiar. Isso é percebido na fala de Ana ao mencionar que “*muitas famílias não procuram buscar as atividades e também não possuem um grau de instrução para acompanhar os filhos em suas atividades*”.

As atividades produzidas pelos professores e enviadas pela escola aos alunos acabam sendo realizadas com a mediação dos pais. Porém, a aprendizagem depende da complexa relação entre educador-saber-educando. A relação ensino e aprendizagem exige o conhecimento e a formação do professor, é a partir do trabalho e conhecimento do professor, no espaço escolar, que essa relação acontece.

Ser professor não é uma tarefa simples, envolve “uma dimensão oculta, ao mesmo tempo muito pessoal e muito universal, que toca o próprio âmago do ‘projeto de ensinar’”(MEIRIEU, 2006, p. 12). Quando as tarefas e o caminho didático ficam a cargo da família, esse projeto de ensinar proposto pelo autor acaba por se reconstruir a partir de um olhar de quem pouco ou nada entende de estratégias pedagógicas.

Meirieu (1998) destaca a função da escola como responsável pelo enigma gerador do desejo do saber a partir da relação pedagógica. Esse enigma exige o que o autor nomeia como “triângulo pedagógico”, composto pelo educando, educador e o saber, como pólos essenciais para situações de aprendizagem. Quando a atividade pedagógica se reduz a um ou dois desses três pólos, deixando de lado a relação entre todos, há um desequilíbrio na aprendizagem.

Para que isso não ocorra, Meirieu (1998) reflete sobre os três vínculos na atividade pedagógica: a relação pedagógica, o caminho didático e as estratégias para a aprendizagem. A relação pedagógica envolve o desejo, o enigma, “o quase nada” ou o “não sei o quê” no qual Meirieu (1998, p. 86) anuncia como “o elemento invisível [...] aquilo que falta quando, pelo menos aparentemente, não falta nada [...] quando nada está faltando, falta algo que não é nada, portanto, quase nada. Na verdade, falta apenas o essencial”. O que mobiliza o aluno é o essencial, a vontade de conhecer. Porém, como mobilizar o desejo pelo saber considerando a situação vivida no momento de pandemia?

O trabalho a distância com o aluno do AEE é bastante prejudicado, pois **este aluno necessita de atendimento individualizado e orientado constantemente. O uso de ferramentas** como o computador na sala de aula e outros materiais se fazem necessários e a distância não podemos utilizar e principalmente a **nossa orientação** (Ana).

Quando a professora menciona a orientação constante e as ferramentas específicas para o processo de aprendizagem dos alunos em situação de inclusão escolar há uma preocupação sobre o desejo e sobre caminho didático, ao qual Meirieu (1998) destaca que está para além dos objetivos pelo método, mas envolve o ato intelectual, as operações mentais - deduzir, induzir, dialetizar e divergir.

Nesse sentido o educador deve questionar-se constantemente “que instruções devo dar a ele e que documentos, objetos, instrumentos devo fornecer-lhe?” (MEIRIEU, 1998, p. 119), desafio constante na escolarização presencial, que é ampliado no ensino remoto.

Para Meirieu (1998) a aprendizagem ocorre quando o aluno é capaz de resolver situações do cotidiano, mobilizando suas capacidades e oportunizando interações com suas competências. “*Paradoxalmente, o que é determinante em uma aprendizagem é o ‘já-existente’* ou, mais precisamente, os pontos de apoio nos quais, no sujeito e através dele, vêm se articular novos saberes e *savoir-faire*” (MEIRIEU, 1998, p. 129, grifo do autor), porém, como ter clareza dos conhecimentos que o aluno dispõe se o ano letivo de 2020 mal começou e precisou ser suspenso?

Apesar da preocupação da Rede Estadual de Ensino e da manutenção do serviço do Atendimento Educacional Especializado, pudemos perceber a fragilidade nas relações pedagógicas no contexto pandêmico, principalmente nos aspectos referentes à mediação das atividades propostas e a utilização de tecnologias que possibilitassem o acesso dos alunos. Dessa forma, a relação pedagógica ficou comprometida, considerando que houve uma ruptura na relação professor e aluno, ou seja, apesar da proposta pedagógica ser elaborada pelo professor, ela era mediada, muitas vezes, por pessoas leigas em educação.

É importante destacar que os dados aqui apresentados foram produzidos no início da pandemia, quando as redes de ensino ainda estavam se organizando para manter o ano letivo e que no decorrer do ano de 2020 e 2021 podem ter vivenciado novos reordenamentos que tenham dado outros direcionamentos às práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

MEIRIEU, Philippe. **Carta a um jovem professor**. Trad. Fátima Murad. - Porto Alegre: Artmed, 2006.

MEIRIEU, Philippe. **Aprender...sim, mas como?** Trad. Vanise Dresch - 7. ed - Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; TEDESCO, Sílvia. **Pistas do Método da Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

SOUZA, S. R.; FRANCISCO, A. L. O método da cartografia em pesquisa qualitativa: Estabelecendo princípios... Desenhando caminhos. In: Atas: **Investigação qualitativa em saúde**. v. 2. 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/826> . Acesso em 15 jan. 2020.

VASCONCELLOS, M. J. E. **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência** – 10ª ed. Ver. E atual. – Campinas, SP: Papyrus, 2013.

[1] Os nomes utilizados são fictícios, a fim de manter o sigilo de identidade dos participantes da pesquisa